

Enquanto os anarquistas praticavam uma afirmação da vida como experiência de liberdade, os agentes da ordem buscavam interdita-los com o decreto de morte, este sim malogrado, pois ainda hoje, os anarquistas continuam abalando hierarquias, revirando costumes e experimentando liberdades.

### **conectando anarquias | thiago s. santos\***

Nelson Méndez e Alfredo Vallota. *Bitácora de la utopia - anarquismo para el siglo XXI*. Caracas, Universidad Central de Venezuela, Ediciones de la Biblioteca Central, 2001. 133 pp.

Um livro que trata de anarquia é para ser saboreado, digerido, utilizado como uma ferramenta. Ele não se esgota em si mesmo. Procura suscitar curiosidades, mover interesses, promover inquietações, rebeldias e desobediências. Este é o objetivo de Nelson Méndez e Alfredo Vallota, autores de *Bitácora de la Utopia: anarquismo para el siglo XXI*, “um breviário sobre o ideal anarquista, de uma perspectiva latino americana em geral e venezuelana em particular” (p.7.).

Nelson Méndez e Alfredo Vallota são professores da *Universidad Central de Venezuela* e integram o *CRA (Comisión de Relaciones Anarquistas)*. Editam o periódico anarquista bimensal *El Libertario*, que em dezembro de 2004 completou nove anos de existência, e 40 números publicados. Produção autogestionária que tem o intuito de divulgar o

\*Sociólogo e mestrando em Ciências Sociais na PUC-SP, integrante do Nu-Sol.

movimento ácrata latino-americano. Pode-se encontrar este periódico, também, em versão *web* (<http://www.nodo50.org/ellibertario>, para adquirir o jornal basta escrever para: [ellibertario@nodo50.org](mailto:ellibertario@nodo50.org)). Escreveram, também, diversos artigos sobre libertarismo em uma publicação chamada *Correo A*, que surgiu no fim da década de 1980 e foi interrompida na metade da década de 1990 (ainda hoje é possível encontrar alguns textos selecionados do *Correo A* em: <http://www.geocities.com/samizdata.geo/CorreoA.html>). Estas duas publicações tiveram, e continuam tendo, grande importância no círculo ácrata latino-americano.

Um dos elementos que fomentou a criação desta bitácula foi uma publicação britânica do *Anarchist Media Group*, que em 1988 lançou um texto intitulado “Tudo o que sempre quis saber sobre anarquismo e nunca se atreveu a perguntar” (texto mais amplamente divulgado a partir de 1995, via internet). Os autores realizaram um livro introdutório às idéias libertárias, colocando em pauta os principais temas levantados pelos anarquistas, e os argumentos que respondem a algumas das questões mais frequentes apresentadas a qualquer anarquista: a crítica à caridade estatal; a questão do *crime*; educação; método anarquista de comunicar suas idéias; e o rechaço por parte de muitos das idéias anarquistas, por terem sempre a imagem do anarquista como o indivíduo com uma bomba na mão, pronto para agredir os demais. Assim, contrapõem as pré-concepções existentes em torno da anarquia e finalizam com uma sugestão de outras fontes, nas quais é possível pesquisar a respeito do tema tratado.

Méndez e Vallota mostram que a anarquia, diferente do que é vulgarmente pensado e exposto em dicionários, não é uma instigação do caos, da morte, da destruição, e nem tampouco o anarquista é a imagem de um homem com bombas que agride aos demais em nome de um res-

sentimento social ou individual. O anarquista não obedece a um líder messiânico. Não agita uma bandeira de uma ideologia superior. A sua luta é menos iluminada que a luz proporcionada pela pólvora, mas, às vezes, ela é a única forma de abalar os concretos civilizatórios que nos impõem uma cultura fundada na obediência ao superior.

A obediência é o alvo dos anarquistas que investem na educação para a liberdade. “A verdadeira educação é o contrário da escolarização obrigatória, onde se aprende, principalmente, a temer e curvar-se ante a hierarquia imposta” (p.52). Isto faz parte de um costume anarquista que privilegia a livre curiosidade das crianças e não circunscreve a educação à escola. Escola, trabalho cotidiano, vida social, tudo isto compõe a educação que procura chamar cada indivíduo para se autogovernar.

A prática da educação, assim como os anarquistas a concebem, depende da criação de uma *sociedade anarquista*. No entanto, o fato de ainda não vivermos em uma sociedade assim constituída, não impede experiências de práticas educacionais mais livres, como ocorreram com as Escolas Modernas e com os Ateneus Libertários. São práticas que atravessam a regulação da educação praticada pelo Estado, e no caso específico da Venezuela, cuja administração castrense no governo impôs uma educação pré-militar para crianças e jovens. Assim é, também, uma assistência médica que só submete os seus usuários à exploração e à humilhação, fazendo-os dependentes da caridade estatal. Escolarizar doméstica os indivíduos e o seguro social “gera uma disponibilidade de dinheiro das mais importantes no capitalismo moderno, que se utiliza para explorar os trabalhadores” (p.18). A assistência do Estado desarma as iniciativas próprias, é uma ferramenta de submissão dos indivíduos que, como retribuição aos benefícios do Estado, têm de agradecer o generoso presente da assistência com a sua obediência.

A educação permanece sendo o ponto fundamental aos anarquistas. É pautada na invenção de novos costumes que pretende forjar uma outra sociabilidade, que se inicia, agora, no presente.

Os autores tratam ainda de um dos temas mais caros aos anarquistas e um pouco esquecido na atualidade: a punição. Constatam que a grande maioria dos distúrbios sociais provêm de acontecimentos incontíveis, surpreendentes; acontecimentos estes que não poderiam ser impedidos pelo temor da punição (prevenção geral) e que polícia alguma, por mais equipada que fosse, poderia conter: a prisão é um fracasso, afirmam. A maioria dos chamados crimes continua sendo contra o patrimônio, contra a propriedade privada. A resposta dada pelos autores, a respeito da questão do *crime*, funda-se na expectativa de uma mudança mais ampla da sociedade, em uma sociedade na qual a propriedade privada não seja um valor. Projeta-se como resposta, um modelo de proteção social, que pode ser a organização comunal de ajuda mútua ou a expulsão do indivíduo da comunidade, “não por vingança ou castigo, senão como reconhecimento de uma relação sem possibilidade” (p. 26), o que reafirma a atualidade do “Justiça Política” de William Godwin, de 1973 (vide verve 5).

O livro apresenta ainda seis artigos (quatro de Vallota e dois de Méndez) nos quais são tratados: os princípios da anarquia (liberdade e igualdade), autogestão, além de uma pequena biografia de Durruti e um artigo sobre Ángel Cappelletti, importantíssimo pesquisador anarquista latino-americano.

Méndez e Vallota realizaram um livro que mantém um elo com fragmentos de textos, escritos esparsos, que esperam apenas ser revolvidos por curiosos ensandecidos; conectam anarquias. O livro intensifica interesses literários de quem o lê; remete o leitor imediatamente a outras fontes; lança-o a uma busca minuciosa, a uma

pesquisa, uma investigação a respeito da anarquia. Ao final do livro, depara-se com uma listagem de outros livros, sites, referências de vídeos, rádios e TVs que fazem da anarquia um acontecimento único e perturbador da ordem estabelecida. São referências que aludem tanto a sites de associações anarquistas como a bibliotecas virtuais, nas quais é possível encontrar livros completos — de autores como Proudhon, Bakunin, Malatesta, entre outros — para *downloads*.

Há, ainda, uma atenção especial para a internet, visando grupos de debates, correios informativos e e-mails, que facilitam a troca de informações e experiências. Mas, se de um lado a internet possibilita esses ganhos, de outro, os autores apontam o que seriam os *cyber-libertarian* que vêm na internet o máximo de liberdade. Advertem que as novas tecnologias como a internet, alimentam também institutos de controle social, além de ser ainda um meio de informação muito restrito em países da América Latina. A internet é, assim, para os anarquistas, apenas mais um instrumento do qual se utilizam de forma interessada, e de maneira alguma um espaço para a democratização da informação, um democratismo que sufoca rebeldias e sustenta covardes.